

AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO
NO IMAGINÁRIO COLETIVO EM *UMA MÃE EM APUROS*¹⁸

Milena Costa Pinto (UNEB)
milenapinto2007@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo empreende uma análise do texto fílmico *Uma Mãe em Apuros*, propondo uma articulação com questões de gênero e seus constructos sociais, bem como faz acepção à condição da mulher e sua relação com a maternidade, a vida conjugal e as tarefas do lar no tocante à suas consequências para o estatuto feminino. Traz uma discussão pela voz da personagem âncora do referido filme concernente à luta empreendida a fim de transgredir a condição de opressão e invisibilidade em razão das múltiplas tarefas da casa e da família, e da omissão do seu companheiro, que por seu estatuto masculino não entende também como seu os papéis constitutivos à vida doméstica, paradigma historicamente legitimado. O texto faz uma explanação acerca de uma rotina emblemática de uma mulher, mãe e esposa ainda predominante na pós-modernidade e evidencia os conflitos de identidade vividos pela personagem Eliza que não se insere nas modulações de uma sociedade organizada no sentido da divisão de papéis, de forma a delimitar o espaço social como sendo masculino e o doméstico como feminino. Retrata a vida exaustiva, repetitiva e desestimulante de uma mulher representada pela citada personagem ao longo de sua trajetória no filme.

Palavras-chave: Gênero. Representações. Papéis sociais. Subjugação. Transgressão.

No plano simbólico de cada cultura, a mulher é historicamente configurada a partir de representações que por sua vez compreendem o modo como o sujeito forja as identidades individuais e coletivas de modo a torná-las emblemáticas e referenciais na sociedade.

As representações do feminino na sociedade partem do princípio da divisão de papéis definidos por fatores culturais, porém sob o pretexto de uma diferenciação biológica entre mulher e homem.

Se por um lado há uma relação de poder e dominação, por outro, há uma tentativa de resistência dessa mulher cujo histórico é, com raras exceções, de invisibilização, visto toda uma articulação para delimitar os espaços, as funções, e criar paradigmas comportamentais.

¹⁸Uma versão deste trabalho foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia, com orientação da Profa. Dra. Ivya Iracema Duarte Alves, em 2010.

Os veículos produtores e difusores de cultura, assim como o mercado de consumo, cumprem a função de reproduzir e disseminar modelos que abarquem as representações de feminino fundadas pelo patriarcado e consolidada pela sociedade burguesa. Cabe uma ressalva ao fato de que, embora dados produtos culturais tenham a finalidade de afirmar/legitimar esses modelos calcados a fim de desqualificar a mulher, que quase sempre é posta numa condição “marginal”, muitos outros cumprem o papel de assinalar o problema propondo um questionamento e uma mudança na prática social.

A mídia se coloca na linha de frente, na divulgação e reprodução das ideologias que pregam a dominação masculina, por meio de produtos como o cinema, as telenovelas, os seriados e outros. Em se tratando do cinema, há uma diversidade de filmes sobre os quais se poderiam discutir essas questões, porém a análise aqui realizada se dá a partir do filme *Uma Mãe em Apuros* (2009), uma vez que o mesmo veicula discursos referentes às representações em torno da mulher, principalmente no tocante à maternidade, embora seja explícita a intenção de refutá-los.

O referido texto fílmico apresenta ampla verossimilhança com a realidade ao abordar o tema da maternidade e os conflitos comuns às mães urbanas casadas na contemporaneidade, que têm que conciliar uma série de tarefas a fim de atender às necessidades dos filhos, marido, casa e, em muitas circunstâncias, conciliar essas tarefas com uma atividade profissional na esfera pública.

Nessa perspectiva, pretende-se analisar, através deste filme, os conflitos, problemas e atuação da mulher na sociedade contemporânea concernentes às representações que a ela são relacionadas.

Este filme, apesar do seu caráter comercial, tem um cunho reflexivo que provoca o destinatário a pensar sobre a relação da mulher com a maternidade, com o casamento e os papéis destinados às mulheres dentro dessa instituição na sua prática social. É pertinente afirmar, ainda, que a obra apresenta certo teor dramático, embora seja uma produção do gênero comédia.

Compreende-se que o referido produto é direcionado a um público de idades diferenciadas. No entanto, é possível subentender que sua finalidade é atingir principalmente mulheres. Exibido nos cinemas brasileiros em janeiro de 2010, seu título original *Motherhood* foi lançado nos Estados Unidos (país onde foi produzido) em 2009. O roteiro consta de uma história que perpassa toda a narrativa – que é a necessidade da persona-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

gem protagonista Eliza (Uma Thurman) preparar o aniversário de seis anos de sua filha Clara (Daisy Tahan) e ao mesmo tempo dar conta de uma diversidade de tarefas, que vão desde os cuidados com o filho menor Lucas (Matthew Schallip/David Schallip), com o cachorro, com o papel de esposa, os afazeres do lar e até manter as relações de sociabilidade com as amigas.

Dentre os conflitos paralelos à história na qual o filme se apoia, constata-se questões de gênero, de identidade, de comportamento, problemas relacionados ao casamento e à vida urbana, como trânsito, relacionamento e com outras questões que se apresentam de forma mais sutil.

Com duração de noventa minutos, a narrativa se passa em um único dia – o dia de uma mãe. Com isso, a diretora e roteirista Katherine Dieckmann faz um “relato” crítico acerca dos problemas comuns ao cotidiano de uma mulher no exercício do papel de mãe. É por meio da atuação da personagem Eliza que Dieckmann dialoga com o público, e nele possivelmente provoca reflexões e promove identificação com o filme. Nessa perspectiva, constata-se aquilo que Márcia Rejane Postiglioni Messa (2007) define como verossimilhança cultural. Esta autora, no artigo "*As Mulheres Só Querem Ser Salvas: Sex and the City e o Pós-Feminismo*", ao falar da relação do público feminino com o seriado *Sex and the City*, observa:

As mulheres reconheciam o seu cotidiano, viviam aquelas situações com as personagens, tinham uma segunda chance de experimentar e pensar – através da outra representada na tela – a respeito de suas angústias, seus medos, suas fraquezas e até mesmo suas alegrias [...] (MESSA, 2007, p. 16).

A presente análise ancora-se na questão da representação das mulheres, porém abrange alguns eixos subtemáticos, conforme foi mencionado anteriormente. Para tal foram selecionadas cinco cenas que contemplam a proposta temática. As mesmas serão analisadas de acordo com a ordem de apresentação na narrativa.

A primeira cena corresponde ao momento em que Eliza acorda e lê a lista de tarefas do dia. A segunda cena escolhida refere-se ao momento em que ela, através de um *blog* sobre pais e filhos cujo título é *A identidade de Bjorn*, desabafa pelo fato de ter saído à rua de camisola sem perceber, devido ao trabalho que lhe absorve o tempo e lhe tira a possibilidade de dar atenção a si mesma. A terceira cena volta-se para o momento em que Eliza conversa com sua amiga Sheila (Minnie Driver) sobre a decisão de voltar a trabalhar fora. A quarta cena é quando ela desabafa com Every (Anthony Edwards), seu marido, sobre as frustrações

advindas da vida doméstica que ela tem levado, devido ao excesso de trabalho relacionado à casa e à família. E a quinta cena foca o instante em que Every conversa com ela a respeito daquilo que seriam as atitudes tomadas por ele a fim de “solucionar” os problemas dela.

A primeira cena do filme retrata o cotidiano de uma mulher - mãe, esposa e dona de casa: Eliza Kendall Welch. Ela já foi considerada escritora de talento, mas, por consequência da maternidade, deixou de escrever para se dedicar aos filhos. Nos pequenos intervalos entre uma tarefa e outra, ela posta no *blog* suas impressões sobre o que é ser mãe; e é dessa maneira que ela expressa, dentre outras questões, as frustrações que a maternidade traz, as renúncias, as cobranças sociais, a perda da fluidez, o silenciamento referente à vida pessoal e social.

O filme retrata o cotidiano exaustivo dessa personagem que desde o momento que acorda se depara com as inúmeras obrigações a serem cumpridas em um único dia. Cabe dizer que esta rotina é comum à vida da maioria das mulheres, posto que a sociedade associou e naturalizou o trabalho do espaço privado à condição do “feminino”. A esse respeito, Helena Confortin argumenta:

Às mulheres competem, os afazeres classificados como fazendo parte do lado interior, úmido, baixo, contínuo, por isso lhes são atribuídos todos os trabalhos domésticos, isto é, os trabalhos escondidos e até mesmo invisíveis ou vergonhosos, os mais sujos, monótonos, penosos e humildes. (CONFORTIN, 2003, p. 119)

A citada cena coloca o (a) interlocutor (a) diante do que sugere o título do filme *Uma Mãe em Apuros*, ou o sentido poderia ser ampliado para “uma mulher em apuros”, visto que não poderia ser diferente o dia de uma pessoa que precisa atuar como uma “perfeita multitarefas”, como a própria personagem se auto define. A lista dos compromissos diários de Eliza poderia perfeitamente ser compartilhada com seu marido Every, que se mostra omissos e não se envolve com os problemas da família e da casa, a exemplo dos preparativos da festa de aniversário da filha.

A postura machista de Every está relacionada à representação do feminino, ou seja, o homem (marido/pai), no filme, comporta-se como se a manutenção da casa e o cuidado com a família fosse papel exclusivamente da mulher (esposa/mãe) e o seu papel se restringisse à provisão financeira. Nessa perspectiva, Donna Haraway (2004), ao falar da divisão de trabalho por gênero, afirma que as categorias de trabalho feminino como “ter e criar crianças, cuidar dos doentes, cozinhar, executar o trabalho doméstico e trabalhos sexuais como a prostituição” (HARAWAY,

2004, p. 228) são excluídos e não historicizados. Haraway argumenta ainda que, conforme Iris Young (2004), a divisão de trabalho, as relações de produção e as relações patriarcais estão intimamente ligadas.

Uma Mãe em Apuros é um texto midiático que retrata o modelo predominante de família que ainda perdura na contemporaneidade mesmo após a mulher ter extrapolado a esfera doméstica para se profissionalizar e exercer uma função pública. Os percalços enfrentados por ela para romper os paradigmas do modelo de organização familiar patriarcal são representados no filme, uma vez que a personagem central, apesar de ser graduada, pós-graduada e ter exercido uma profissão, comporta-se conforme os padrões da ideia do feminino forjado no imaginário coletivo. Ela demonstra consciência da opressão e insatisfação para com a condição de oprimida, porém não toma efetivamente posições que venham a causar rupturas nas estruturas de poder e dominação que regem a organização familiar/social na qual está inserida.

A segunda cena selecionada mostra a personagem Eliza manifestando, através do *blog* citado anteriormente, seus sentimentos e pensamentos acerca de como se sente oprimida. O fato desencadeador é o constrangimento que a mesma passou ao ser chamado à atenção por uma vizinha por ter saído à rua de camisola sem mesmos e dar conta. Ela faz um questionamento acerca de sua condição de mãe. E, desse modo, ela indaga: “Será que eu cheguei mesmo a esse ponto? Ser humilhada de camisola na frente da casa da minha vizinha?” (DIECKMANN, 2009). Nesse momento a personagem traz à questão, por exemplo, uma prática social que incide na dominação masculina por meio da divisão do trabalho, pois o acontecimento se deu por causa da sobrecarga de tarefas que ela tem. E isso não implica apenas uma questão quantitativa, pois o trabalho relativo ao ambiente privado caracteriza-se por ser repetitivo, desestimulante, desvalorizado e infundável.

A instituição da divisão dos papéis em femininos e masculinos compreende uma forma de dominação masculina. O homem, que na organização da sociedade predominantemente criou normas de comportamento e determinou traços de identidade, definiu como masculinos os trabalhos considerados mais prestigiados, emocionantes e valorizados. Isso implica que sempre houve uma consciência de que os trabalhos “femininos” são avaliados como inferiores. Sobre a relação de dominação, explicita Confortin:

O indivíduo é dominante ou dominado e isto constrói todo um jeito de olhar, de se movimentar, de estar no mundo, de perceber o mundo. Toda a

análise mostra que desde os primórdios da humanidade há um dominante e um dominado e isto constrói uma sociedade onde a dominação social masculina acaba sendo mais evidente. (CONFORTIN, 2003, p. 119)

O excesso de atividades faz a personagem questionar “Como uma mãe pode articular as ideias com o mínimo de convicção em períodos de tempo tão ridiculamente pequenos?” (DIECKMANN, 2009). Através desta cena, direção e produção do filme colocam diante do público uma fotografia da vida da maioria das mães. E é de forma crítica que o produto analisado aponta conflitos, frustrações, limitações, perdas e mudanças que geralmente ocorrem com a mulher com o advento da maternidade. A vida exaustiva de Eliza vai produzindo a invisibilidade, de modo que ela compartilha sua experiência com o público do *blog* fazendo indagações como “A alma de uma mulher tem de murchar e morrer só porque ela optou por ser mãe?” (DIECKMANN, 2009). Ao mesmo tempo ela contrargumenta a opinião dos que consideram que a mulher deve dedicação exclusiva aos filhos, ao dizer “Eu quero acabar de lavar a roupa e terminar uma frase complexa. Ter pensamentos profundos e dar uma festa de aniversário mágica pra minha filha”. (DIECKMANN, 2009)

O enunciado acima é uma demonstração de que a personagem contesta o discurso dominante – que oprime e exclui a mulher.

Na terceira cena, a narrativa traz a questão da valoração que é dada ao trabalho profissionalizado, isto é, o trabalho da esfera pública, já que o trabalho doméstico não é considerado profissional. E, consequentemente, trata da valoração dada ao ser humano que trabalha fora, bem como de aspectos da maternidade, como o afastamento ou abandono do trabalho/profissão pela mulher quando esta se torna mãe. É nesse sentido que Eliza comenta com sua amiga Sheila que ter um trabalho “de verdade” parece ser um atestado de valor. Isso implica que as representações (negativas) das mulheres têm uma relação intrínseca com o trabalho, uma vez que o trabalho desenvolvido pelas mães não é considerado de verdade, conforme dito pela própria personagem. Também entra como critério dessas representações a questão do espaço – privado e público. O privado é associado ao medíocre, previsível, desinteressante, enquanto o público relaciona-se ao mágico, ao inesperado, ao instigante e ao libertário.

Mais uma vez aparece nesta cena o peso das obrigações que a maternidade traz, assim como as mudanças na relação com o companheiro (quando isso se aplica), por exemplo, “a morte do desejo”, segundo declaração de Eliza.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA

Na cena quatro novamente surge a representação de mulher do modelo tradicional de família constituída por pai, mãe e filhos. Retrato estabelecido por meio da divisão do trabalho. Todavia, nota-se uma intencionalidade da direção e produção do produto (até por colocar em foco o lugar de mulher), de propor uma consciência e uma ruptura dessa prática social que opera com base no duo relacional dominante/dominado.

A narrativa nesta cena mostra o sujeito paciente da dominação (a mulher) ou, nos termos de Scott, o sexo oprimido, numa busca da emancipação, na medida em que faz indagações, rompe o silêncio, busca ressignificar sua condição subjugada. No diálogo com Every, Eliza desvela uma percepção a respeito de sua condição marginal. Em vista disto, ela aponta a opressão referente ao lugar ao qual ela ocupa, fazendo a seguinte asserção em um instante de desabafo:

[...] todo dia desde o instante que eu acordo até o instante que eu desmaio de sono, meu dia, como o da maioria das mães que eu conheço, é feito de uma série de ações específicas e concretas. E são ações que desgastam uma paixão. [...] as ações são pequenas e sem importância, como pôr mais café nas xícaras e dobrar as cuecas. Mas elas se acumulam de um modo tão debilitante que diminui minha capacidade de me concentrar praticamente em qualquer outra coisa. Coisas mais importantes como ideias, ou política, ou sonhos de uma vida melhor. (DIECKMANN, 2009)

O enunciado imprime um desejo de autoafirmação, de empoderamento, ainda que fique no plano discursivo e não no plano das ações. Eliza posiciona-se negando sua permanência dentro de um sistema engendrado que controla e manipula o discurso, a prática discursiva e a prática social, em virtude da legitimação da hegemonia do poder e dominação masculina.

As questões evidenciadas por Eliza relacionam-se com as identidades, as ideologias e as representações imbricadas à idéia do feminino. Isso implica uma inquietação quanto ao modo como ela é delineada em meio à esfera de convivência. Referente às representações que se fazem do sujeito, Kathryn Woodward (2000) pela voz de Rosa Gens [2008?] explicita:

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem sou eu? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e o sistema de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (GENS, [2008?], p. 01).

A cena cinco dá ao filme o sentido de continuidade das relações desiguais entre homens e mulheres. Qual seja, nos aspectos aqui discutidos e em outros com semelhante relevância. Apesar de demonstrado um desejo de emancipação pela personagem âncora no decorrer do filme, não se consolida de fato um abalo nos pilares nos quais se ampara o poder do macho que submete a mulher social e historicamente e a subordina a uma espécie de clausura doméstica. No entanto, o filme retrata as ambiguidades e o distanciamento que há entre discurso e prática social.

Esta cena, conclusiva do filme, sinaliza que os problemas colocados não são elucidados. Dessa forma expressa uma ideia de continuidade. A leitura que se pode fazer do diálogo (que por sinal mais se assemelha a um monólogo) de Every com Eliza é de que ele tenta mascarar a opressão da qual ela é vítima propondo algo que na verdade não se configura como solução. A compra de uma máquina de lavar louças, a matrícula do filho numa pré-escola e o elogio por ela fazer um ótimo trabalho organizando sozinha a festa de aniversário da filha não compreendem uma postura de consciência da parte dele e nem de longe configuram-se como um ato libertário para ela. Não empreende de fato uma subversão pela personagem da sua condição desfavorecida na família e na dimensão sociocultural.

Esta cena mostra uma permanência da subordinação da mulher cujo estatuto permanece marginal em função dos papéis sexuais. Essa teoria é defendida por Joan Scott (1990) ao tratar da questão da mulher na perspectiva do gênero. Scott também aborda o papel do patriarcado na “produção e reprodução da identidade de gênero do sujeito” (p. 14) e sinaliza que esse sistema é responsável por essa subordinação por sustentar uma necessidade do macho dominar as mulheres.

Em síntese, *Uma Mãe em Apuros* confronta um poder instituído nas práticas sociais com as demandas de luta pelo empoderamento feminino proposto pelo movimento feminista. E embora a personagem âncora não consolide sua luta pela emancipação, ela não contraria os ideais nascidos no seio do movimento que alimentou muitas arenas de luta, principalmente a partir da década de 60.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONFORTIN, Helena. Discurso e Gênero: a mulher em foco. In: GHILARDI-LUCENA, M. I. (Org.). *Representações do feminino*. Campinas: Átomo, 2003.

DIECKMANN, Katherine. *Uma mãe em apuros*. EUA: Killer Films, 2009.

GENS, Rosa. *Enquadramentos*: a focalização da mulher na narrativa brasileira recente. XII Seminário Nacional Mulher e Literatura e do III Seminário Internacional Mulher e Literatura – Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural, do GT Mulher e Literatura da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística), realizados nos dias 9, 10 e 11 de outubro de 2007, na Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus/Bahia. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, [2008?]. Disponível em: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/Mesas/Rosa%20Gens.pdf>.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. In: *Cadernos Pagu*, local n/id., n. 22, 2004, p. 202-246.

MESSA, Márcia R. As mulheres só querem ser salvas: Sex and the City e o pós-feminismo. In: *Revista da Associação Nacional dos programas de Pós-Graduação em Comunicação, Famecos*, PUCRS, Rio Grande do Sul, 2007.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e realidade*, Porto Alegre, vol. 16, n. 2, p. 14-15, 1990.

YOUNG, Iris. Beyond the Unhappy Marriage: a Critique of the Dual Systems Theory. In: SARGENT, L (Ed.). *Women and Revolution*. [s.n.e.].